



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17654 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

TEMPOS EMANCIPATÓRIOS: EPISTEMOLOGIAS NEGRAS NAS ESCRIVIVÊNCIAS DOCENTES

Daiane Oliveira da Cruz - Faculdade de Educação da UEMG

Cirlene Cristina de Sousa - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS-
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES-DS

TEMPOS EMANCIPATÓRIOS: EPISTEMOLOGIAS NEGRAS NAS ESCRIVIVÊNCIAS DOCENTES

Este trabalho é parte do resultado de pesquisa de uma dissertação de mestrado que analisou como a práxis pedagógica de mulheres negras docentes constrói uma educação antirracista na educação infantil em uma cidade do interior. Nos propomos aqui, compartilhar os saberes identificados nas escritas das professoras negras que participaram como colaboradoras.

A metodologia se baseia na concepção metodológica da escritura, a partir de Conceição Evaristo (2020) e nas entrevistas narrativas. Desse modo, as vozes das mulheres negras docentes foram ouvidas e lidas, em suas escritas e nas vivências trazidas por elas na entrevista narrativa ou por meio dos cadernos de escrever, indicando as contradições da realidade social e das frestas produzidas pelas experiências docentes e pessoais, em oposição a falta de amparo de políticas públicas na efetivação da educação antirracista na etapa da Educação Infantil em uma cidade do interior. Os saberes construídos a partir dessas vozes, indicam a dimensão coletiva do processo de re-existência de mulheres negras docentes e a busca por uma educação emancipadora e de fato antirracista. Saberes convergidos nas dimensões do *tempo*, que também conduziram às discussões teóricas da raça, apoiando em Gomes (2017) e Munanga (2020), interseccionalidade (Akotirene, 2019; Carneiro 2011) e da práxis pedagógica com bell hooks (2022). A análise teórica, orientou-se aos fundamentos da Teoria Crítica da Raça, em Ladson-Billings (2008).

O tempo, conforme trazemos no trabalho, é construído como um fio condutor que atravessa os capítulos e enfoques, e ajudam a compreender a relação das narrativas contadas sob a perspectiva do passado, mas também dos encontros e das vozes e saberes de mulheres negras que atualizam as experiências e apontam as possibilidades de futuro de uma coletividade. A fala a partir desse lugar não é isolada, conforme apontado na pesquisa, já que os encontros com outras vozes constroem uma “voz da memória”. E nesse sentido, “trabalhar o território da memória é reafirmar que não se trata apenas de recordação ou interpretação. Memória é também construção simbólica, por um coletivo que revela e atribui valores à experiência passada e reforça os vínculos da comunidade” (Bento, 2022, p. 39). É coerente pensar, pois, que essa comunidade que se faz a partir da memória, das experiências e das lutas, igualmente denuncia e se fortalece em conjunto.

Ao convidar a dimensão do *tempo* para essa escrita, compreendemos sua dinamicidade para atravessar e conectar passado, presente e futuro. Como ponto de encontro temporal e espacial, no exercício, que para nós, configura-se como político.

Para tal, apresentamos os tempos trabalhados no trabalho. Começando por *Tempo Encontro*, no qual indicamos os encontros, ora com minha escrevivência e com experiências do “tornar-se negra”, ora os encontros com outras vozes, sobretudo mulheres negras que apontam suas construções identitárias em uma sociedade racista. Há também, os encontros com outras pesquisas e das aproximações metodológicas no campo da Educação. Ao que são localizadas discussões semelhantes que corroboram a uma nova forma de se fazer a pesquisa, que considera as experiências de professoras negras e suas produções de saberes.

Por sua vez, as discussões teóricas se aprofundam em *Tempo Cíclico*, a partir da centralidade da raça e de suas intersecções com o gênero, classe e sexualidade, localizando tanto o campo da Educação como a realidade da cidade pesquisada. Que por sua vez, nos apontam as dimensões sócio-históricas sobre construções de raça, racismo, educação, políticas públicas, a realidade social e espacial que circulam toda a pesquisa.

As interfaces da interseccionalidade, são trabalhadas no *Tempo Pertencimento* e incidências dominantes, que atualizam opressões sistematizadas são contrapostas aos movimentos de pertença que as sujeitas buscam. Além de discussões sobre gênero, docência, também convidamos a dimensão do cuidado, na relação professoras negras e educação infantil. Compreendendo o sentido político implicado, cuja práxis revela as ausências do poder Público em fundamentar a teoria e a sistematização dos conhecimentos elaborados.

Entretanto, é nosso *Tempo Escrevivência*, como movimento articulador de toda a pesquisa, que encontramos a ciclicidade do pertencimento das mulheres negras docentes. Tanto em suas múltiplas formas de estar e ser no mundo, como nas construções feitas por elas a partir das ausências. As professoras/colaboradoras, ao escreverem, conectam os demais tempos e apontam, reflexões acerca do papel público, das urgências por políticas afirmativas e da sociedade que negligência suas manifestações de ser. O fazer pedagógico destas docentes, envolto por uma práxis, não está desassociado das construções sócio-históricas, e nem poderia se fazer unicamente pelas sujeitas. E desse modo, ao analisarmos possíveis contribuições das professoras negras na constituição da educação antirracista em nosso contexto, temos nas escrevivências, as frestas criadas por elas sob um sistema injusto e cruel que se consolida no

passado e reatualiza constantemente no presente. Ademais, demonstram a luta coletiva, as mobilizações e interações entre outras vozes como formas de resistência. Assim, a educação antirracista, no contexto da Educação Infantil na cidade, se engendra sobre rupturas, experiências, intervenções, posicionamentos, aproximação com a cultura afro-brasileira e afro-oliveirense, apontando caminhos articuladores às lacunas deixadas pelo poder público e do campo docente re-existente.

Desse modo, os tempos que o trabalho convida, produziram o *Tempo Conexão*, uma vez que criam na coletividade, epistemologias negras de vozes e saberes que falam em lugares distintos e se misturam, para se autoafirmar, posicionar, resistir, denunciar, promover e emancipar. Tal *tempo*, como dimensão dinâmica, se manifesta ora como perspectiva de análise, ora como contorno das categorias trabalhadas, de modo a evidenciar mulheres negras docentes, seus saberes e suas abrangências. Como apontamos a cada capítulo e ao longo da pesquisa, tais vozes e saberes ampliam as possibilidades de construção de conhecimentos, que voltando à Educação, contribuí com a construção de uma sociedade emancipadora, a partir de uma coletividade comprometida e de fato antirracista.

Palavras-chave: Educação Antirracista; Mulheres negras docentes; Práxis pedagógica.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. Feminismos Plurais. São Paulo (SP): Jandaíra, 2020; p.152
- BENTO, Maria Aparecida Silva. *O Pacto da Branquitude*. 1ª Ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Consciência em debate/coordenadora Vera Lúcia Benedito. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado [Orgs]. *Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, SP: WMN Martins Fontes, 2022, 5ª Edição.
- LADSON-BILLINGS, Glória. *Os guardiões de sonhos: o ensino bem-sucedido de crianças afro-americanas*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 4. ed. 2.reimp. – Coleção Cultura Negra e Identidades. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020a.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. 1ª Ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2019.